

contato com espíritos; em conseqüência, era um visionário e, numa palavra, um louco”.

Um historiador do espiritualismo, do século XX, César De Vesme, tomou uma posição oposta à de Lélut, no seu trabalho em dois volumes, *Experimental Spiritualism* [Espiritualismo Experimental] (Londres, 1931). Ele garantiu que Sócrates estava sofrendo uma “alucinação” sob a forma de “uma projeção psicossensorial automática”. De Vesme considerou o “demônio” de Sócrates como “o produto do súbito transbordamento de um pensamento subconsciente supernormal” que “assume uma forma simbólica e alucinatória a fim de manifestar-se na consciência normal”. Ele disse, também, que o filósofo “provavelmente não era nem um santo nem um endemoninhado nem um louco; que ele, apenas e tão-somente, podia ser um homem dotado de poderes supernormais”.

De Vesme escreveu que, “de forma subconsciente, todos nós estamos providos desses poderes”, mas que, em certos indivíduos, “as idéias que o nosso subconsciente de um modo ou de outro adquire em certas ocasiões irrompem” sob o aspecto das chamadas “alucinações verídicas” — imagens que “correspondem a um fato real pertencente ao passado, ao presente ou ao futuro, um fato que, depois de chegar, por vias misteriosas, ao conhecimento do subconsciente do indivíduo, passou para a sua consciência normal, devido à alucinação à qual ela esteve sujeita”. Talvez De Vesme queira significar que Sócrates obteve seu conhecimento por algum meio extra-sensorial, por clarividência ou telepatia, sendo, então, conduzido e dramatizado para sua mente consciente como uma “alucinação auditiva”. Xenofonte, o historiador, cita Sócrates como dizendo aos acusadores, durante seu julgamento, que, por intermédio desta voz divina e/ou demoníaca, ele tinha acesso ao conhecimento supernormal:

“Todos dizem e acreditam, como eu, que os deuses certamente conhecem o futuro e revelam-no a quem quer que lhes agrade. Mas há pessoas que dão o nome de ‘augúrios’ e ‘palavras inspiradas’, ‘vaticínios’ e ‘profetas’ àquilo que lhes dá o conhecimento do futuro; eu chamo a isso divindade ou demônio e penso que assim me expressei com religiosidade mais verdadeira do que aqueles que atribuem aos pássaros um dom que é da competência dos deuses. Mas aqui está a prova: no que concerne a este deus, eu nunca antecipei nada além da verdade;

tendo informado muitos dos meus amigos sobre esses avisos, nunca aconteceu de eu ter antecipado alguma coisa falsa.”

De Vesme mencionou que, nos tempos de Sócrates, “demônios e gênios eram considerados, até certo grau, como participantes da divindade da natureza, de modo que Sócrates não estava reivindicando um contato “com um deus genuíno” do superpopuloso panteão grego. Os pássaros mencionados por Sócrates eram aqueles utilizados, pelos oráculos, para adivinhar o futuro; o voo de certas aves era considerado como um augúrio. Walter Franklin Prince (1863-1934), diretor de pesquisa da *American* e da *Boston Societies for Psychical Research* [Sociedades Americana e Boston, de Pesquisas Psíquicas], menciona em *Noted Witnesses for Psychic Occurrences* [Testemunhas Famosas de Ocorrências Psíquicas] (Boston, 1928; New Hyde Park, N.Y., 1963) que “demônio”, além de “significar um deus ou deusa”, era usado “para distinguir a alma de um homem da idade do ouro e, mais tarde, o espírito de qualquer homem morto”. Prince pretendeu que o demônio refletia “intimações procedentes do subconsciente de um homem de extraordinário brilho intelectual”.

Um impressionante paralelo da experiência de Sócrates pode ser encontrado na vida de C. G. Jung. Ele narrou que, num momento de grande tensão em sua vida, caminhou e conversou com um guia desencarnado a quem chamou de Philemon, por causa de um dos contemporâneos de Sócrates.

Frederic W. H. Myers, um dos fundadores da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres e um estudioso do helenismo, declarou em seu ensaio “The Daemon of Socrates” [O demônio de Sócrates] (*Proceedings, Society for Psychical Research*, 1888-89) que o conselho oferecido pelo demônio era, “na maior parte, igual ao que o seu próprio eu, mais judicioso, poderia muito bem ter dado”. Embora Myers tivesse forte crença na sobrevivência após a morte e no contato com os espíritos, agregou que quaisquer impressões clarividentes que Sócrates possa ter tido foram canalizadas através do “desenvolvimento clarividente de suas próprias faculdades”, antes do que por “intervenção de poderes externos”.

A preocupação dos filósofos com as verdades finais, que dizem respeito à vida e à morte dos homens, levou várias figuras proeminentes a fazer experiências ou a especular na área do oculto ou do psíquico. Entre elas estavam três homens